

Raça e a nova direita

Tristan Leoni

Link: https://ddt21.noblogs.org/?page_id=2004

A palavra "raça" há muito tempo foi eliminada do corpus lexical da esquerda, tornando-se quase um tabu. As raças não existiam e somente os racistas usavam a palavra, o que provava que eles eram racistas, por isso era fácil reconhecê-los. Mesmo há dez anos, se você encontrasse um adesivo "*raça é classe*" na rua, sabia que um fascista o havia colocado lá¹. Hoje, não é tão simples. Nos últimos anos, as regras semânticas em vigor "na esquerda" se tornaram um pouco mais complexas para uma franja do campo político que se expressa em certos infokiosks ou na France Culture, nas cadeiras do Paris VIII ou nas colunas de certos jornais militantes. O antirracismo de outrora é, às vezes, denunciado como outra forma de racismo, e o etnodiferencialismo, antes denunciado como a máscara de um racismo inconfessável, parece ter se tornado, em sua nova roupagem, o *nec plus ultra* do ativismo. Em breve, o racista será qualquer pessoa que não use a palavra raça?

Enquanto alguns veem a importação mais ou menos hábil das teorias americanas, outros veem o resultado do longo enfraquecimento intelectual realizado por uma corrente da extrema direita francesa: a Nova Direita. Acharmos que seria útil ver como essa corrente, que vem abrindo discretamente seu caminho teórico nos últimos cinquenta anos, abordou a "raça". Será que ela tem algo a ver com o retorno dessa palavra? Sua estratégia de hegemonia cultural lhe permitiu vencer a batalha de ideias e arrastar a "esquerda" para uma armadilha diabólica?

A expressão "Nova Direita" não se refere a um grupo teoricamente homogêneo, mas a um movimento que, desde 1968, teve como epicentro o Groupement de recherche et d'études pour la civilisation européenne (GRECE)² e como fundador e principal teórico

¹ Adesivo sem assinatura (2008) reproduzido em Zvonimir Novak, *Tricolores. Une Histoire visuelle de la droite et de l'extrême droite*, L'Échappée, 2011, p. 124.

² Não mencionaremos neste texto o Club de l'Horloge, um *think tank* de direita neoliberal fundado em 1974 que contribuiu para a evolução doutrinária da FN e da direita por muitos anos. Henry de Lesquen, que foi um dos fundadores desse *think tank*, agora tem posições sobre raça que se aproximam daquelas que prevaleceram na década de 1930. A prática comum de agrupar o Club de l'Horloge com o GRECE sob o rótulo de "Nova Direita", sob o pretexto de que ambos têm um projeto "metapolítico", nunca nos

Alain de Benoist, um dos intelectuais franceses mais traduzidos no exterior, mas, na França, desconhecido do grande público. As muitas pessoas que participaram dele, algumas das quais se separaram do movimento e seguiram outros caminhos, podem ser vinculadas a ele. O corpo teórico do grupo central - no qual concentraremos nossa atenção - evoluiu enormemente ao longo de cinquenta anos. Além disso, se o GRECE raramente publica uma síntese doutrinária que defina um rumo, é porque ele se caracteriza pela busca do debate teórico e pelo gosto pela disputa intelectual; nele podem ser encontradas posições diversas e, às vezes, até opostas. O presente texto é, portanto, simplesmente uma abordagem sob o ângulo da "raça", um tema que foi central para esse movimento.

ORIGEM

Depois de 1945, a extrema direita, sobrecarregada pelo petainismo e pelo colaboracionismo, teve dificuldade para se recuperar. As ideologias racistas, incluindo o antissemitismo, foram totalmente desqualificadas porque já tínhamos visto a que elas levaram. Entretanto, a Segunda Guerra Mundial foi um ponto de inflexão para esse movimento, com o surgimento teórico e prático de uma nova doutrina, o nacionalismo europeu, comprometido com o projeto nacional-socialista.

O conflito argelino, que começou em 1954, foi outro ponto de inflexão para a extrema direita francesa. É bem sabido que a militância contra a Guerra da Argélia, especialmente por meio da UNEF, foi um período de formação para toda uma geração de estudantes de esquerda, abrindo caminho para os protestos estudantis de maio de 1968. O mesmo aconteceu no campo da Argélia francesa, com a Fédération des étudiants nationalistes (FEN), fundada em 1960 por ativistas de uma organização que havia sido dissolvida dois anos antes, a Jeune nation, e onde o jovem Dominique Venner já expressava posições nacionalistas-europeias iconoclastas.

Após a derrota na Indochina e a concessão de independência às colônias da África Negra, o episódio da Argélia marcou o fim do império colonial francês. Apesar da vitória militar em campo, o General De Gaulle não concedeu a independência da Argélia por bondade de seu coração; além das questões econômicas, ele também não queria ver o surgimento de uma "*França argelina*" ou de uma "*Colombey-les-Deux-Mosquées*". Seus oponentes pró-Argélia francesa, por outro lado, estão preparados para manter quase 10 milhões de muçulmanos norte-africanos nesses

pareceu relevante. O próprio nome "Nova Direita" é ambíguo, pois é um rótulo dado pela imprensa no verão de 1979.

três departamentos franceses... A extrema direita não é monolítica nesse ponto: Alguns indivíduos, em nome do respeito ao nacionalismo, dizem ser a favor da independência da Argélia; alguns são tentados pelo segregacionismo no modelo da África do Sul, de Israel ou dos Estados Unidos (mesmo que isso signifique fundar um estado independente da França); outros, particularmente a franja tradicionalmente arabófila, assumem posições integracionistas ou assimilacionistas.

Em um contexto ainda marcado pela luta prioritária contra o comunismo, o fracasso político na Argélia foi um momento decisivo. Para os jovens da FEN, era hora de se divorciar do que eles chamavam de "*nacionais*": burgueses, católicos, conservadores ou reacionários. Em 1963, eles criaram o grupo de revistas *Europe-Action*, sonhando em se tornar uma elite revolucionária e se definindo como "*nacionalistas*", "*militantes de uma nação branca*"³ que ultrapassava as fronteiras da França. Um de seus líderes era Alain de Benoist, de 20 anos.

Quinze anos após a guerra, o nacionalismo europeu pelo qual a FEN optou, e que foi mais ou menos confundido com a defesa do mundo branco, não era evidente em um campo em crise onde o nacionalismo tradicional e uma certa germanofobia dominavam. O *Europe-Action* afirma ser um defensor do "*realismo biológico*", ou seja, um racismo biológico que busca estabelecer uma base científica. Embora para o *Europe-Action*, como diz Jean Mabire, a Europa não seja um continente, mas "*um coração cujo sangue bate*" tanto em Johannesburg quanto em Budapeste! Daí o apoio ao apartheid sul-africano ou à segregação racial nos Estados Unidos e a rejeição da imigração. No entanto, a ênfase está na centralidade da "*civilização europeia*" e não na do Ocidente (que inclui os Estados Unidos). O grupo se valeu de seus contatos europeus, principalmente por meio de acampamentos de verão, durante os quais o conceito de "*etnopluralismo*" foi forjado⁴.

O *Europe-Action* foi uma incubadora de jovens ativistas destinados a desempenhar um papel importante na extrema direita francesa no final do século XX, como Alain de Benoist, Dominique Venner, Pierre Vial, François Duprat e Jean-Claude Valla.

Após a autodissolução da FEN, o fim do *Europe-Action* e o fracasso das tentativas de organização nacionalista-europeia, vários ativistas (a maioria com idade entre 20 e 25 anos) decidiram romper com a militância e a política tradicionais. A partir de uma perspectiva gramsciana, eles agora estavam convencidos de que a tomada do poder

³ Jean-Yves Camus, Nicolas Lebourg, *Les Droites extrêmes en Europe*, Paris, Seuil, 2015, p. 152.

⁴ Jean-Yves Camus, Nicolas Lebourg, *op. cit.* p. 154.

político deveria ser precedida de uma hegemonia sobre os campos cultural e acadêmico; daí a necessidade de se concentrar na luta cultural (metapolítica) contra a dominação "marxista". Com esse objetivo, no início de 1968, eles fundaram o GRECE, que passou a produzir publicações (*Éléments* e *Nouvelle école*), bem como uma editora, a Copernic.

DO RACISMO AO ANTIRRACISMO?

As posições iniciais do GRECE eram aquelas forjadas por seus teóricos iniciantes nas colunas do *Europe-Action*; se acrescentarmos à defesa da "nação branca" uma forte germanofilia e um gosto por estátuas no estilo Breker, é compreensível que alguns tenham visto isso como neonazismo. Entretanto, essa acusação não foi feita contra a Nova Direita até o verão de 1979, mas em dez anos o GRECE havia mudado muito. O "biologismo inveterado e agressivo" perdeu cada vez mais espaço a partir de 1972, sendo substituído por elogios ao etnodiferencialismo (ou "etnopluralismo") e até mesmo críticas ao racismo (embora a simpatia pela África do Sul tenha permanecido)⁵.

Esse foi um desenvolvimento real ou foi simplesmente uma forma de contornar a aplicação da lei Pleven aprovada naquele ano, que condenava discursos e escritos racistas? Como os anos seguintes confirmaram o desenvolvimento de um discurso teórico cada vez mais coerente, às vezes em oposição ao inicialmente professado, não pode ser uma simples estratégia de camuflagem lexical (autores especializados em extrema direita concordam). Pode-se até dizer que foi uma nova linha que se firmou, levando a um debate animado, à saída e à exclusão daqueles que se opunham a ela e incentivando a chegada de novos membros em torno do pilar inamovível de Alain de Benoist. Entre 1972 e 1979, o GRECE concentrou-se em sua herança indo-europeia (descrita por Georges Dumézil) e começou a se dissociar do "mundo branco" (a tradição anti-igualitária legada pelos indo-europeus não estava presente nos Estados Unidos). Em meio à Guerra Fria, isso foi acompanhado por um crescente antiamericanismo e críticas ao Ocidente até o início da década de 1980. Embora GRECE e Alain de Benoist considerassem que as raças existiam, eles não as viam mais como um fator central para a compreensão do mundo:

"As identidades biológicas, vistas como o próprio exemplo do que não muda, são então frequentemente privilegiadas para serem usadas a serviço do etnocentrismo, do racismo ou da xenofobia. Mas os critérios biológicos de pertencimento (a uma raça ou espécie) são apenas de valor relativo. É claro que eles podem desempenhar um papel,

⁵ Anne-Marie Duranton-Crabol, *Visages de la Nouvelle droite. Le GRECE et son histoire*, Presses de la Fondation nationale des sciences politiques, 1988, p. 40.

*mas não se referem a nada que seja especificamente humano, porque o homem não tem uma essência específica além de sua existência histórico-social. [...] Eles também são incapazes de explicar as rápidas mudanças políticas e sociais que ocorrem em uma população homogênea. Reduzir a definição de quem é 'como eu' a isso é ignorar todas as outras formas de pertencimento, sejam elas herdadas ou escolhidas"*⁶.

*"Embora as raças existam e divirjam em relação a este ou aquele critério estatístico isolado, não há diferenças qualitativas absolutas entre elas. Além disso, não existe um paradigma que domine a espécie humana e que nos permita classificá-la em uma hierarquia global. Por fim, está claro que um indivíduo vale, antes de tudo, por suas próprias qualidades. O racismo teórico não é uma doença da mente, gerada por preconceito ou superstição "pré-moderna". É uma doutrina errônea, historicamente datada".*⁷

A crítica do GRECE ao racismo e à xenofobia ("Contre tous les racismes", *Éléments*, nº 8-9, novembro de 1974) não é superficial: o racismo é visto como uma das consequências da modernidade, que começou com as grandes descobertas e a colonização. Isso levou à destruição das sociedades holísticas tradicionais com seu funcionamento hierárquico, mas orgânico (em que a comunidade tinha precedência sobre o indivíduo) e sua substituição por um conjunto de indivíduos iguais: o racismo não seria mais do que um ressurgimento doentio dessas funções não igualitárias, que haviam desaparecido⁸. Portanto, não é apenas um *"antirracismo moralizante e mundano"*⁹ que os neodireitistas denunciam, mas, acima de tudo, um antirracismo universalista e assimilacionista que busca negar a alteridade: *"Esse tipo de racismo muitas vezes usa a máscara do 'antirracismo'. Mais perverso, ele também é ainda mais perigoso"*¹⁰. Esse tema anda de mãos dadas com uma denúncia do universalismo e do igualitarismo (de origem cristã) que Alain de Benoist descreveu por alguns anos como a *"ideologia do Mesmo"* (somos todos iguais, portanto o outro é apenas "o Mesmo"). Ele também zomba da esquerda, que *"celebra a 'diversidade' e a 'métissage' (duas noções que supostamente 'enriquecem' uma à outra, enquanto a última inevitavelmente*

⁶ Alain de Benoist, *Nous et les autres. Problématique de l'identité*, Krisis, 2006, 143 p.

⁷ Alain de Benoist, "En finir avec 'le racisme'?", *Éléments*, nº 149, outubro-dezembro de 2013.

⁸ A partir de meados da década de 1980, a Nova Direita se baseou fortemente no trabalho de Louis Dumont. *"A hipótese mais simples, então, é supor que o racismo, em uma nova forma, cumpre uma função antiga. É como se ele representasse, em uma sociedade igualitária, um ressurgimento do que era expresso de forma diferente, mais direta e natural, em uma sociedade hierárquica. Torne a distinção ilegítima e você terá discriminação; acabe com as antigas formas de distinção e você terá ideologia racista"*. Louis Dumont, *Homo hierarchicus*, Paris, Tel/Gallimard, 2001, p. 320.

⁹ "Rencontre avec Alain de Benoist", *Réfléchir & Agir*, nº 27, outono de 2007.

¹⁰ Alain de Benoist, "En finir avec le racisme", *op. cit.*

empobrece a primeira)"¹¹. A tese defendida pela Nova Direita a partir da década de 1970 era que o único antirracismo consistente era a defesa das comunidades e de suas diferenças.

Desde a década de 1960, esse diferencialismo radical tem sido apoiado por etnólogos que pedem que a integridade das culturas seja preservada contra o avanço da civilização ocidental (por exemplo, Robert Jaulin, seguindo os passos de Claude Lévi-Strauss). Em uma reviravolta completa, os neodireitistas que na juventude defendiam a supremacia da "raça branca" passaram a promover "*sua contenção em nome da diferença e do risco de etnocídio*"¹².

A doutrina do GRECE está até mesmo evoluindo para o apoio aos povos do Terceiro Mundo e uma identificação com aqueles que vivem de maneira tradicional, até mesmo pedindo que a Europa se alie a eles contra os Estados Unidos e a URSS; isso está muito longe do discurso *Europa-Ação*, que denunciava a ajuda aos países do Terceiro Mundo "*subdesenvolvidos e com pouca capacidade*". Esses povos são vistos como centros de resistência à modernidade, ou seja, ao capitalismo americano (considerado pela Nova Direita como mais perigoso do que a URSS), e como reservatórios de valores (família, religião, vínculos com a natureza, hierarquia etc.). Eles "*têm culturas distintas e maneiras diferentes de estar no mundo que, como tal, também são promissoras para o futuro. É por isso que precisamos deles. Eles estão tentando sobreviver em uma época em que achamos que estamos vivendo, quando, em todos os aspectos importantes, nos tornamos mais pobres do que eles*"¹³.

A partir de então, o discurso do GRECE - e é aqui que há uma ruptura com o racismo biológico - não se baseia mais em uma *hierarquia de raças* (como o interesse em biologia, QI etc. poderia ter sugerido), mas em diferenças, não mais em função de atributos "naturais" ou critérios biológicos ou morfológicos, mas em função de elementos como cultura, idioma, religião, tradição ou costumes. A raça foi abandonada em favor da *etnia*, cuja definição não está ligada a uma realidade ou fantasia biológica, mas designa um grupo humano identificável por traços culturais (costumes, idioma, história, religião etc.) que pressupõem um pertencimento, reconhecido ou conhecido (por si mesmo e/ou por outros), e que levanta a questão da identidade. Embora apenas

¹¹ Alain de Benoist, "Haro sur le "communautarisme"!", *Éléments*, no. 155, abril-junho de 2015, p. 53.

¹² Stéphane François, *Les paganismes de la Nouvelle droite (1980-2004)*, Université du Droit et de la Santé - Lille II, 2005, p. 335.

¹³ Robert de Herte [Alain de Benoist], "Pour une humanité plurielle", *Éléments* no. 109, julho de 2003, p. 3.

incidentalmente ligado à cor da pele, esse uso crescente da palavra "etnia" (especialmente a partir da década de 1970) mostra, no entanto, que a "questão racial" está sendo entendida mais do ponto de vista social.

Esses desenvolvimentos teóricos, que dizem respeito apenas à "Nova Direita histórica", são fortemente criticados por alguns ex-membros (que se demitiram ou foram expulsos) que formam uma espécie de tendência *völkisch* informal¹⁴ fora do GRECE.

IMIGRAÇÃO, RELIGIÃO, ISLÃ

Esses são temas que facilitam o reconhecimento e a denúncia de posições de extrema direita. Mas, mais uma vez, a Nova Direita não facilita a tarefa do ativista de esquerda. Ela certamente denuncia a imigração que tem sido "*maciça e mal controlada*" e que levou a sérias "*patologias sociais*", mas também uma "*deportação*" da população que transforma as pessoas em mão de obra barata para os empregadores. Acima de tudo, criticou o fenômeno do desenraizamento, que rompe os laços culturais e familiares e, assim, cria indivíduos ideais da modernidade: o Estado jacobino quer destruir as culturas de origem das populações imigrantes por meio de um "*modelo de assimilação puramente individual a uma cidadania abstrata*" que se recusa a reconhecer "*identidades coletivas e diferenças culturais*"¹⁵. Já em 1976, o GRECE se manifestou contra a "*integração forçada*" de crianças imigrantes e propôs um ensino adaptado "*para cada minoria étnica*"¹⁶. Isso pode ser visto como nada mais do que um pretexto para camuflar o racismo antiárabe banal, pois na época *também* se tratava de incentivar os trabalhadores imigrantes a retornarem aos seus países de origem. Desde então, os neodireitistas não mudaram sua posição hostil em relação aos processos migratórios *atuais*, mas mudaram em um ponto: agora eles afirmam que a presença de pessoas do Magrebe é um fato que não pode ser revertido e rejeitam como absurdas e perigosas as ideias de "*remigração*" ou a ideia fantasiosa de uma "*Reconquista*" pela força das armas¹⁷. No entanto, eles não lamentam essa situação como um fato consumado abominável, mas como uma realidade que deve ser levada em conta e que, por meio da ideia de comunidade, pode até ter vantagens (voltaremos a esse assunto).

No que diz respeito à religião, a Nova Direita é caracterizada principalmente por sua tendência paganista e sua hostilidade ao cristianismo, que, por meio do universalismo e

¹⁴ *Völkisch* é um termo alemão de difícil tradução para o francês, que se refere ao povo e à nação de um ponto de vista étnico e descreve um movimento político e intelectual nacionalista que surgiu na Alemanha no final do século XIX^e.

¹⁵ GRECE, *Manifeste pour une renaissance culturelle*, GRECE, 2000, p. 73.

¹⁶ *Éléments*, n° 13, dezembro de 1975 a fevereiro de 1976, p. 15.

¹⁷ Alain de Benoist, entrevista publicada na revista *Terre et Peuple*, n° 18, inverno de 2003, pp. 24-26.

do igualitarismo, é responsável pela decadência europeia. A parte "*tolerante*" do GRECE pode ser vista como tendo uma "*atitude filosófica*"¹⁸, que contrasta com grande parte da extrema direita. Se a herança indo-europeia e o paganismo (a verdadeira religião dos europeus) são um remédio e um modelo, isso não significa defender um retorno às cerimônias ou aos sacrifícios rituais, mas sim um retorno a um "modo de vida", uma tolerância (alheia aos monoteísmos), um relacionamento diferente com a natureza, os ancestrais e a tribo e, portanto, com o grupo étnico¹⁹.

E o Islã? Embora o GRECE tenha nascido no racismo antiárabe característico do período pós-guerra da Argélia, ele não estava imune à relação ambígua entre a extrema direita francesa e o Islã, o Islã e o mundo árabe: em particular, um certo fascínio pela civilização, pela figura do guerreiro árabe, sua virilidade, os valores do Islã (esse "*monoteísmo quase perfeito*"²⁰) ou o tradicionalismo esotérico (com figuras como René Guenon). Nas décadas de 1980 e 1990, uma parte da extrema direita, especialmente os nacionalistas revolucionários, ficou fascinada pelos regimes islâmicos na Líbia e, especialmente, no Irã; a Nova Direita, sob a influência dos apóstolos de Julius Evola, chegou a descobrir um "*tradicionalismo revolucionário*" nesse último.

Em 1989, durante o debate sobre o lenço na cabeça, os neodireitistas denunciaram o "*racismo antimuçulmano*"²¹ e Alain de Benoist se posicionou no *Le Monde* a favor do direito de usar o lenço islâmico na cabeça. No entanto, ele aproveitou a oportunidade para apontar as contradições entre a República e os Direitos Humanos, no que descreveu como um belo exemplo de "*conflito de valores*": "Em uma época em que a liberdade de escolha é tão importante, uma jovem muçulmana deveria ter o direito de escolher fazer um aborto, mas não o direito de usar um lenço na cabeça?"²² Um ano antes, na televisão, ele havia explicado que preferia que "*mesquitas fossem construídas na França em vez de restaurantes fast-food, por exemplo, porque é o outro, mas é outro no campo da*

¹⁸ Stéphane François, *op. cit.* p. 321. O que ele aprecia no judaísmo é seu suposto comunitarismo (em especial sua rejeição à miscigenação), sua oposição original ao cristianismo (visto como produto da civilização helenística e, portanto, da decadência da Grécia) e sua rejeição ao proselitismo. O ramo *völkisch* da Nova Direita pode concordar com essa visão, mas isso não o impede de ser antissemita.

¹⁹ Daí a visão positiva da experiência do ZAD, das alternativas neo-rurais, do decrescimento ou do discurso de "esquerda" que promove a reapropriação do conhecimento tradicional, da terra ou do "território".

²⁰ De acordo com o escritor grecista Christopher Gérard. Consulte Stéphane François, *op. cit.*, p. 169.

²¹ Nicolas Lebourg, "Marine Le Pen, l'extrême droite et l'islamophobie", *nouvelobs.com*, 2 de maio de 2012.

²² Alain de Benoist, "Les ambiguïtés du " multiculturalisme " !", *Éléments*, n°155, abril-junho de 2015, p. 61. O GRECE também era a favor do direito ao aborto na década de 1970.

espiritualidade em vez de ser o mesmo no campo do materialismo"²³. Mais tarde, ele confirmou esses comentários, descrevendo a cultura americana (McDonald's e supermercados) como uma ameaça maior à "*nossa identidade*" do que o Islã²⁴. Os eventos de 11 de setembro de 2001 não fizeram com que ele mudasse sua posição, embora tenham feito com que uma parte da extrema direita adotasse uma postura anti-islâmica. Esse foi o caso de ex-membros do GRECE, como Guillaume Faye, que teorizou sobre a inevitabilidade de uma guerra étnica entre europeus e muçulmanos. Embora o "canal histórico" obviamente condene o terrorismo e o totalitarismo, ele não ataca o Islã ou o islamismo.

COMUNIDADES

O debate e as fantasias em torno da questão do comunitarismo são muito comuns na França, mas o fenômeno é recente (a palavra só entrou no dicionário em 1997). Alguns o veem apenas como uma alucinação, enquanto outros o veem como um fenômeno que pode ser explicado por uma variedade de fatores (crise econômica, crise de valores, globalização que permite que os imigrantes mantenham contato com seus países de origem, racismo, retorno da religião etc.). O dedo é frequentemente apontado para o modelo assimilacionista republicano, que, desde o século XIX, produziu com autoridade franceses a partir de populações occitanas, bretãs e, depois, de imigrantes, mas que, por vários motivos, parece não estar mais funcionando. A noção de multiculturalismo, que na década de 1980 era de fato sinônimo de uma cultura "majoritária" ("francesa") aberta a outras culturas (como no caso do festival de música malinesa em Ardèche), foi gradualmente transformada, porque o que estamos falando hoje, e o que está causando polêmica, é a existência (ou não) de várias culturas *justapostas*; em outras palavras, várias comunidades. O termo comunitarismo geralmente tem uma conotação negativa, associada à retirada, ao fechamento e a possíveis conflitos (com referência aos confrontos no Líbano); todos deveriam denunciar o comunitarismo e, portanto, a criação de comunidades identificadas e separadas. Mas não a Nova Direita.

Foi na década de 1990 que as posições da Nova Direita assumiram uma orientação comunitária que continua até hoje²⁵. Ela se baseia especialmente em autores anglo-saxões como Charles Taylor e Michael Sandel que, em reação à teoria política

²³ O programa "Libre et change" de Michel Pollack no M6 sobre "La race des seigneurs" em 1988 com Alain de Benoist, Jean-Luc Domenach e Pierre-André Taguieff.

²⁴ Entrevista em *Junge Freiheit*, 17 de julho de 1998.

²⁵ Já em 1994, a *Krisis* dedicou uma edição ao comunitarismo (nº 16, junho de 1994); mais recentemente, foi a *Éléments* que apresentou um "Faut-il haïr le communautarisme?" em sua capa (nº 155, abril-junho de 2015).

liberal, apresentaram a ideia, a partir da década de 1980, de que o indivíduo não existe independentemente de afiliações culturais, étnicas, religiosas ou sociais.

A crise, a globalização e o recuo do Estado-nação estão abrindo espaço para o ressurgimento da comunidade e do regionalismo (e, politicamente, para fenômenos como o populismo e o neonacionalismo). Diante de um Estado que oferece cada vez menos proteção e com o desaparecimento dos principais órgãos intermediários, como o PCF e a Igreja Católica, que ofereciam solidariedade e uma contra-sociedade, os indivíduos se encontram por conta própria.

Para os neodireitistas, o surgimento da comunidade não é um sinal negativo de "retirada", mas, ao contrário, é o sinal de um aumento, de resistência; o ressurgimento da comunidade como uma forma possível de superar uma modernidade capitalista em seus estertores. Os laços orgânicos que não foram completamente reduzidos e permaneceram subjacentes estão ressurgindo em alguns lugares, especialmente entre aqueles que estão sofrendo mais, os descendentes de imigrantes. Alain de Benoist não hesita em evocar "*laços que liberam*"²⁶. Para a Nova Direita, o interesse da comunidade está em seu funcionamento orgânico (membros diferentes, mas complementares, ajudando-se mutuamente para um bem comum): ela se diferencia, assim, da sociedade liberal moderna que a suplantou e que, ao contrário, baseia-se em relações mecânicas (entre indivíduos abstratos e iguais justapostos, inconscientes do bem comum e acreditando serem livres para fazer suas próprias escolhas). Em outras palavras, os debates atuais dizem respeito ao comunitarismo que surgiria entre as populações imigrantes: principalmente aquelas cuja religião (majoritária ou "cultural") é o Islã, ou seja, as "comunidades" marroquina, argelina, tunisiana e turca, ou mesmo um comunitarismo que, como o salafismo, buscaria ir além dessas estruturas (mas certamente não uma "comunidade muçulmana" fantasma); e, em menor escala, as populações de origem subsaariana ou asiática. Há também a possibilidade de uma recomunitarização, em uma base étnica ou religiosa, de populações não descendentes da recente imigração não europeia, como a minoria católica²⁷.

As comunidades estão buscando se afirmar e obter reconhecimento na vida pública, mas, em um contexto dominado pelo individualismo e pelo jacobinismo, a rejeição das reivindicações de identidade está levando alguns grupos a "*reivindicações comunitárias*

²⁶ Alain de Benoist, "Haro sur le 'communautarisme'", *op. cit.*

²⁷ Sobre esse ponto, consulte Jérôme Fourquet, *À la Droite de Dieu. Le réveil identitaire des catholiques*, Cerf, 2018, 180 p.

patológicas"²⁸. Para os neodireitistas, as autoridades públicas devem, portanto, negociar e examinar as solicitações caso a caso. Embora a existência de uma lei comum seja um pré-requisito essencial, deve ser possível autorizar derrogações à lei comum, desde que não prejudiquem a ordem pública²⁹. O reconhecimento legal das comunidades e sua justaposição, a preservação de identidades culturais e religiosas específicas, incentivaria uma maior participação na vida pública, uma coexistência harmoniosa e uma maior estabilidade social...³⁰

Para a Nova Direita, os imigrantes e descendentes de imigrantes que não desejam se assimilar, mas, ao contrário, desejam preservar seus costumes e tradições, não devem, portanto, ser criticados e podem até mesmo servir de exemplo para populações não descendentes de imigrantes não europeus recentes. *"O espetáculo de uma identidade forte deveria, em vez disso, levar aqueles que não a têm mais a questionar o que fez com que a sua desaparecesse: a influência global dos valores do mercado e do niilismo ocidental, por exemplo"*³¹. Ao mesmo tempo em que condena o extremismo, Alain de Benoist entende a *"rejeição desse modo de vida ocidental baseado no materialismo, no vazio espiritual, no colapso dos laços sociais, no desaparecimento de marcos, na primazia do dinheiro, na prostituição do comércio e na obsessão pelo consumo submisso"*³².

O objetivo é, portanto, respeitar as *"identidades coletivas"* e as *"diferenças culturais"* das populações de origem imigrante, especificando que *"a identidade étnico-cultural das várias comunidades que vivem na França hoje deve deixar de ser relegada ao domínio privado e ser objeto de reconhecimento genuíno na esfera pública"*. O GRECE é a favor de *"um modelo baseado na comunidade, permitindo que os indivíduos que desejem não se desliguem de suas raízes, mantenham vivas suas estruturas de vida coletiva e não tenham que pagar por seu respeito a uma lei comum necessária abandonando sua própria cultura"*.³³

Alain de Benoist observa que, apesar de não serem legalmente reconhecidas, comunidades estão sendo formadas na França, ou seja, grupos com tradições, culturas e estilos de vida diferentes e específicos (alguns deles resultado de sucessivas ondas de

²⁸ Alain de Benoist, *Nous et les autres*, op. cit.

²⁹ Alain de Benoist, entrevista publicada na revista *Terre et Peuple*, op. cit.

³⁰ O que está por trás desse elogio às comunidades é também, em última análise, uma crítica *imperial* ao Estado-nação, com a "utopia" de uma Europa onde, de Brest a Vladivostok, diversas comunidades viveriam juntas em paz e prosperidade, e onde as particularidades étnicas e culturais seriam preservadas.

³¹ Alain de Benoist, entrevista publicada na revista *Terre et Peuple*, op. cit.

³² Alain de Benoist, "Haro sur le 'communautarisme'", op. cit.

³³ GRECE, op. cit. p. 73.

imigração) dentro de uma área geográfica comum. Ele agora é a favor da institucionalização dessas comunidades de descendentes de imigrantes em solo francês, reconhecendo-as pelo Estado e organizando-as de acordo com suas próprias regras e costumes (comunidades argelinas, marroquinas, malinesas etc.). Cabe às autoridades públicas levar em conta essas diferentes identidades culturais, alterar a legislação de acordo com elas e, inevitavelmente, ceder parte de sua autoridade às comunidades, por exemplo, certos serviços de polícia e justiça (há casos na Grã-Bretanha e no Canadá), a gestão da assistência social (poderia ser o caso das comunidades de religião muçulmana que utilizam o *zakât*), ou mesmo a gestão administrativa de certos bairros (tornando-se *espacios seguros*).

Os neodireitistas estão cientes das críticas feitas ao fenômeno comunitário, particularmente aquelas feitas pelos defensores de um assimilacionismo republicano e secular, mas também aquelas que denunciam a atribuição de indivíduos a um grupo específico e, portanto, às supostas normas desse grupo (por exemplo, um francês cujos avós nasceram em Kabylia e que é atribuído às chamadas comunidades muçulmanas, argelinas ou mesmo árabes). É por isso que eles apresentam seu "*direito de ser diferente*" como uma liberdade, não uma obrigação, e por isso se opõem a todo essencialismo. Contra a ideologia da modernidade, que afirma que a identidade é exclusivamente uma questão de escolha pessoal, Alain de Benoist argumenta que "*é inútil tentar escapar de todo determinismo, mas nenhum determinismo determina absolutamente*"³⁴. Entretanto, ele não nega as armadilhas e os perigos que a comunidade pode encontrar e que podem levar a um comunitarismo "*insuportável*": grupos fechados e despóticos, hierarquias obsoletas, rejeição da lei comum, desejo de secessão, exclusão ou apartheid (cuja versão sul-africana foi defendida pelo GRECE até a década de 1980). Para os grevistas, o limite é a ordem e o reconhecimento da lei comum. Entretanto, nem tudo é igual, e o editorialista da *Éléments* também classifica como "*intolerável*" o fato de "*colocar as culturas anfitriãs e as culturas de origem em pé de igualdade, como se coubesse às primeiras se adaptarem às segundas, ou como se todas as identidades tivessem valor, com a única exceção da dos nativos*"³⁵. Pelo contrário, a "*cultura dominante*" de cada país deve constituir um "*ponto de referência central*". O relativismo cultural tem seus limites, os da ordem e da hierarquia, e a

³⁴ Alain de Benoist, *Nous et les autres*, op. cit.

³⁵ Alain de Benoist, "Les ambiguïtés du 'multiculturalisme'", op. cit. p. 60. Aqui podemos ver a influência das reflexões de Mathieu Bock-Côté sobre o comunitarismo no Canadá e a chamada "*acomodação razoável*".

afirmação da comunidade é vista, em última análise, como um meio de pacificar a sociedade e garantir a estabilidade das estruturas fundamentais (Estado, propriedade, assalariados, família).

A questão é se a filiação é escolhida ou imposta. Alain de Benoist explica que "*o direito de ser diferente é apenas um direito, ou seja, uma liberdade, não uma obrigação*"³⁶ ; como as comunidades podem ser "*herdadas ou escolhidas*", ele defende a possibilidade de *deixá-las*, de se juntar a outras, sem ser rotulado de traidor (esse é o "*direito de saída*"). O importante é que as estruturas e suas especificidades culturais sejam preservadas, por meio de uma forma de endogamia que é aceita e incentivada pela legislação *ad hoc*. Porque mesmo que o teórico reconheça que os costumes da comunidade evoluem (especialmente por meio do contato com outros), o objetivo principal da institucionalização seria preservar essas funções e tradições. "Escolher" uma comunidade seria, portanto, equivalente a comprometer-se a obedecer às suas regras, e não caberia ao Estado garantir isso, mas sim à polícia comunitária e às estruturas de justiça.

Essas ideias rompem até mesmo com o etnodiferencialismo tradicional, que vinculava cada povo a uma cultura, uma religião e uma terra. Para Alain de Benoist, a identidade e o valor não estão *mais necessariamente ligados a um território*, mas sim o contrário: um território não está ligado a uma comunidade *específica*. Todo pertencimento se torna uma construção social. Se, na década de 1960, os futuros grevistas viam a Europa como "*um coração cujo sangue bate*" além do continente, parece que para eles, a partir de agora, cada entidade étnica pode fazer o mesmo, inclusive na França... A lacuna é gritante com a tendência *völkisch*, que defende a posição "*uma terra, um povo*" e não poupa críticas às teses de *Éléments*³⁷ .

NOVA DIREITA E EXTREMA DIREITA HOJE

A reviravolta da Nova Direita sobre a questão étnica na Europa foi vista por alguns como um verdadeiro Bad-Godesberg³⁸ . Alain de Benoist abandonaria todos os pontos de referência (terra, sangue, tradições) e daria "*mais importância ao que as pessoas de*

³⁶ Alain de Benoist, "Les ambiguïtés du 'multiculturalisme'", *op. cit.* p. 61.

³⁷ Alguns discursos de extrema direita podem parecer ecoar isso, mas são de uma perspectiva completamente diferente, como, por exemplo, aqueles que aprovam os planos de promover o árabe como língua viva entre as crianças em idade escolar, especialmente aquelas de origem imigrante do norte da África. Do ponto de vista deles, a criação de comunidades baseadas na identidade (malinesa, marroquina etc.), estruturadas de acordo com seus hábitos e costumes, seria um primeiro passo para organizar a remigração com vínculos com os países de origem.

³⁸ O mítico congresso no qual o Partido Social Democrata Alemão se separou do marxismo em 1959. "Rencontre avec Alain de Benoist", *op. cit.*

*fato pensam ou fazem, aos valores que reivindicam e à maneira como os vivem, do que ao que são ou presumem ser".*³⁹ Aqui ele está caindo na presunção, evocando "*a vontade de viver em comum*" e retomando a distinção de Paul Ricœur entre *identidade-idem* e *identidade-ipse*: "*não se define a própria identidade tanto lembrando o que se fez em comum no passado quanto dizendo o que se deseja fazer em comum no futuro. [...] Não é o ter sido, mas o querer fazer junto que diz qual é a nossa identidade hoje*"... O coração de Pierre Vial ou Le Pen bate pelo primeiro, o de Alain de Benoist pelo segundo... (assim como Emmanuel Macron).

Alain de Benoist está cada vez mais fora de sintonia com a extrema direita tradicional, mesmo quando fala sobre tradições ou identidade europeias: "*Somos ricos em um patrimônio extraordinário. Não devemos olhar para esse patrimônio de forma reacionária ou restauracionista [...] as tradições existem para serem atualizadas e transformadas; a identidade não é algo que nunca muda, é algo que nos permite permanecer nós mesmos enquanto mudamos o tempo todo. E a história da Europa é uma série de metamorfoses*".⁴⁰

Algumas pessoas se perguntam se o Papa da Nova Direita simplesmente se tornou um homem de esquerda...⁴¹ Não seria preciso muito para que ele admitisse isso. Ele admite que, se fosse votar, seria mais para Bernie Sanders do que para Donald Trump, para Jean-Luc Mélenchon do que para Marine Le Pen⁴². E, no entanto, se ele está na categoria "fascista", deve ser possível associá-lo à extrema direita? Certamente há sua oposição à imigração atual. Mas há uma coisa acima de tudo que não pode ser tirada dele, que é seu elitismo (antiburguês), sua rejeição ao igualitarismo e à democracia (não de forma militante, mas livre das contingências triviais da política). Seu "antirracismo" baseia-se no respeito às diferenças, mas também na existência, dentro de cada comunidade, de uma forma de hierarquia (inseparável do homem em virtude de sua animalidade), ou mesmo de aristocracia. Essa é a essência da comunidade orgânica defendida, por exemplo, de uma maneira diferente, pelo movimento monarquista e incorporada na trifuncionalidade indo-europeia - outros neodireitistas são até mesmo encantados pelo sistema de castas indiano⁴³.

³⁹ Alain de Benoist, entrevista publicada na revista *Terre et Peuple*, *op. cit.*

⁴⁰ "Populism and the Europe of tomorrow", entrevista de Daria Douguine com Alain de Benoist, 22 de abril de 2017.

⁴¹ A edição 136 da *Éléments* (julho-setembro de 2010) foi intitulada "*Is the New Right left-wing?*"

⁴² J. Lester Feder e Pierre Buet, "The Man Who Gave White Nationalism A New Life" (O homem que deu nova vida ao nacionalismo branco), *BuzzFeed*, 27 de dezembro de 2017.

⁴³ Pode-se argumentar que, há alguns anos, os neodireitistas têm visto com bons olhos a ascensão global do "populismo" e a revolta do "povo" contra as elites. Mas essas elites são "*corruptas*", "*cosmopolitas*" e

A Nova Direita também é influenciada pelo elitismo individualista teorizado por Julius Evola, o autor italiano descoberto na França no final da década de 1960, que defendia "*a raça do espírito*", a dos "*homens diferenciados*", mesmo que isso significasse minar o racismo biológico. No mesmo espírito, Alain de Benoist escreveu em 1977 que "*todos os homens de bem são irmãos, independentemente de raça, país ou época*"⁴⁴ e declarou em 2004: "*Não tenho nenhum problema em preferir Nelson Mandela a George Bush, o subcomandante Marcos a Tony Blair, Léopold Sédar Senghor a Jean-Paul Sartre, Oum Khalsoum à Star Academy, Sami Nair a Jean-François Revel e Khalil Gibran a Philippe Sollers!*"⁴⁵.

Assim, Alain de Benoist e o GRECE ainda estão ligados à comunidade de extrema direita por certos princípios, suas referências e suas amizades, mas em uma posição muito marginal. A mudança é perceptível na revista *Éléments*, cujo novo formato, desde outubro de 2015, tem sido um sucesso de imprensa (ela reivindica 15.000 exemplares vendidos), mas ao custo de um discurso polido que desarma ou decepciona antigos leitores e companheiros de viagem do GRECE. Se a *Éléments* se tornar uma revista de cultura e debate cada vez mais parecida com suas congêneres, ela nunca poderá ser "de esquerda".

E quanto à influência da Nova Direita e de Alain de Benoist na FN? Devemos ver em seus quarenta anos de ascensão "resistente" a vitória da estratégia metapolítica lançada há cinquenta anos por um pequeno grupo de intelectuais muito jovens? Uma rápida olhada nas respectivas posições de Marine le Pen e Alain de Benoist sobre a questão do Islã e da imigração sugere o contrário (o programa da FN é, sem dúvida, um dos últimos a defender a ideia de assimilação). Há muito tempo, a

FN é um partido de extrema direita muito tradicional, preocupado principalmente com o anticomunismo. Até 1998, ele foi influenciado principalmente pelas ideias doutrinárias do Club de l'Horloge, que forjou o conceito de "preferência nacional", por exemplo, e cujos principais líderes se juntaram ao partido. Mas nas décadas de 1980 e 1990, ele passou da xenofobia contra seus vizinhos para a defesa da identidade (percebida como ameaçada pela imigração), uma evolução para a qual contribuíram os desertores da neodireita que se juntaram ao partido - da defesa das identidades dos povos oprimidos em todo o mundo ou das minorias étnicas na Europa, ele passou facilmente para a

"*estão a serviço do nivelamento do liberalismo*"; elas oprimem o "povo" e não têm nada de particularmente prestigioso ou aristocrático.

⁴⁴ Alain de Benoist, *Les idées à l'endroit*, Libres-Hallier, 1978, p. 54.

⁴⁵ Alain de Benoist, entrevista publicada na revista *Terre et Peuple*, *op. cit.*

defesa da identidade francesa⁴⁶. A abordagem do GRECE não é eleitoral e Alain de Benoist, que não vota, critica as posições racistas da FN em várias ocasiões, especialmente na década de 1990. Em entrevista ao *Le Monde*, ele criticou o uso discriminatório do partido do "*direito de ser diferente*" e sua visão da "*diferença como um absoluto quando, por definição, ela só existe nos relacionamentos*"⁴⁷.

É bastante lógico que os extremistas de hoje se vejam menos na linha de Marion Maréchal-Le Pen do que, no mínimo, na linha soberanista incorporada por Florian Philippot, mas não em suas denúncias de comunitarismo. Embora Marine le Pen diga que leu e apreciou Jean-Claude Michéa, é improvável que ela tenha feito o mesmo com Alain de Benoist.

Quanto ao etnocentrismo virulento e ofensivo, essa continua sendo a posição daqueles que deixaram o GRECE, como Pierre Vial, Guillaume Faye e Robert Steuckers. Essas saídas alimentaram teoricamente as franjas nacionalistas revolucionárias e nacionalistas europeias que floresceram *fora da* FN desde 1998 e, especialmente, desde 2011, e deram a elas uma orientação etnodiferencialista que é muito parecida com a "primeira versão" do GRECE, mas que, na maioria das vezes, foi reduzida a um agitprop metapolítico.

HOJE, O RETORNO DA RAÇA?

Réfléchir & Agir é uma revista que brinca com a ruptura e a provocação, dedicando capas e matérias à "*questão racial*" ou ao "*nacionalismo branco*". Longe dos rednecks racistas que lotam as redes sociais, a revista é influenciada por Pierre Vial, *Terre et Peuple* e a "primeira versão" da Nova Direita. Isso é um epifenômeno ou um sintoma? Parece que o termo raça está voltando a aparecer nas teses de uma parte da extrema direita. Desde a Primavera Árabe e a "crise migratória", as posições se tornaram mais radicais, levando a debates internos e questionamentos estratégicos (o principal inimigo deve ser o "não branco" ou o Islã?).

O público em geral na França descobriu o termo "nacionalismo branco" - que ecoa o "nacionalismo negro" americano - durante a campanha de 2016 de Donald Trump, mas, na verdade, obras de referência desse movimento foram traduzidas e publicadas na França por vários anos. Em uma inversão doutrinária, o supremacismo branco de

⁴⁶ Pierre Vial, que voltou ao ativismo político em 1988 (e deixou o GRECE para fazê-lo), tornou-se um dos executivos da FN e liderou a tendência neopagã até 1998, quando seguiu Bruno Mégret em sua separação.

⁴⁷ Entrevista não publicada, maio de 1992, disponível na Internet.

outrora (destinado a dominar o mundo) está dando lugar a uma luta de libertação nacional branca: seja para expulsar "os outros" (versão ofensiva) ou, mais frequentemente, para defender uma retirada estratégica e a construção de um "*lar branco*" separado (versão defensiva). É o declínio do peso demográfico dos "brancos" no mundo que leva os militantes de extrema direita a fazer reviravoltas surpreendentes. Em cinquenta anos, os russos deixaram de ser subumanos para se tornarem a última esperança do mundo branco (mas, nesse ponto, assim como acontece com os europeus nos países latinos, os nacionalistas americanos são mais exigentes). Outros sonham com uma aliança com os países do norte da África, que são os primeiros a serem afetados pela imigração subsaariana, mesmo que isso signifique resgatar as velhas teorias raciais segundo as quais os norte-africanos, ou pelo menos os kabyles, são da "raça branca"; o racismo e a violência a que os migrantes subsaarianos foram submetidos desde 2011, tanto pelas autoridades quanto por uma parte da população (do Marrocos à Tunísia), são obviamente vistos de forma positiva. Na França, a tendência *völkisch* vê no trabalho do geógrafo *Christophe Guilluy* sobre a "*França periférica*" o início de um fenômeno comunitário separatista branco. E assim por diante. Embora a extrema direita permaneça cautelosa com esse vocabulário (mesmo que seja apenas por medo de ações legais), ela acolhe a evolução da linguagem, especialmente o uso crescente na mídia de expressões como "*petits blancs*", "*White trash*", "*anti-white racism*" e "*white flight*".

Em fevereiro de 2017, muitos ouvintes ficaram, sem dúvida, surpresos ao ouvir Alain de Benoist na France Culture; talvez tenham ficado ainda mais surpresos ao notar que não era o editorialista da *Éléments*, mas seu oponente, Eric Fassin, sociólogo da Paris VIII, que estava analisando a sociedade em termos de "*classes trabalhadoras brancas*" e "*minorias não brancas*"...⁴⁸ De fato, é no campo lexical da esquerda que o conceito de "raça" está voltando, o que, compreensivelmente, causa certo regozijo entre os ativistas de extrema direita, mesmo que isso deixe muitos deles atordoados. Durante muito tempo,

a definição dominante de racismo foi a de um conjunto de comportamentos, discursos e práticas negativos e discriminatórios, baseados em argumentos biológicos errôneos - a ciência provou que "raças" não existem⁴⁹ - e que deveriam ser erradicados por meio de

⁴⁸ "Is populism close to the people?", programa "Du Grain à moudre", France Culture, 15 de fevereiro de 2017.

⁴⁹ Embora as colunas da *Éléments* agora se concentrem mais em questões culturais, elas ainda se interessam por pesquisas científicas, especialmente em genética e paleoantropologia. As recentes descobertas e controvérsias nesses campos permitem que os neodireitistas reforcem sua visão étnica e identitária dos europeus (incluindo as contribuições pré-indo-europeias) e até mesmo elogiem seu antigo

grandes doses de educação e cultura. Há alguns anos, em alguns círculos acadêmicos e ativistas influenciados pelos escritos norte-americanos, o racismo tem sido teorizado como um fato estrutural, constitutivo do sistema, pelo qual o Estado e o capital "racializam" certas categorias da população para discriminá-las, dominá-las e até mesmo (para aqueles que se referem a Marx) explorá-las. Nessa estrutura, a raça é descrita como uma construção social e, como tal, um conceito que está livre de concepções biológicas. Entretanto, se a "raça" é *sempre*, necessariamente, fruto de uma construção social (que, portanto, evolui de acordo com o tempo e o lugar), uma teoria *sobre* raça é *sempre*, em última análise, *uma visão* de uma categoria da população de acordo com os critérios físicos considerados próprios (morfológicos, genéticos ou até mesmo a cor da pele)⁵⁰.

Essas teorias obtiveram certo sucesso na esquerda da "esquerda" e em círculos mais radicais (o que é explicado apenas parcialmente por seu aspecto inovador). Muitos veem nelas o funcionamento até então despercebido do sistema de dominação (e até mesmo do modo de produção capitalista), cuja revelação finalmente ofereceria uma chave indispensável para a compreensão. Aqueles que usam o conceito de raça frequentemente o colocam no centro da crítica social, como se ele fosse o pilar central que sustenta todo o sistema (o resto pode se tornar secundário ou acessório).

Os ativistas, por sua vez, esperam que essas armas teóricas inovadoras levem a ações mais relevantes e eficazes. No entanto, muitas vezes há uma lacuna, se não um preconceito, entre as sutilezas conceituais desenvolvidas por esses teóricos ou acadêmicos e a maneira como os ativistas se apropriam delas e as adaptam, muitas vezes de forma muito mais prosaica - a polissemia e a ambiguidade da palavra "raça" e sua forte carga simbólica não facilitam a tarefa.

Vamos começar mencionando uma ideia que - significativamente - não atrai muita atenção: a da possível desconstrução da construção social de raça, à qual o Estado/capital/sistema/etc. atribui indivíduos ou categorias da população. Essa "falta de interesse" pode parecer estranha, uma vez que essas teorias são desenvolvidas por acadêmicos que estão muito familiarizados com a literatura pós-moderna que agora está sendo usada para desconstruir a construção social de gênero. Mas é verdade que desconstruir o gênero dessa forma (ou seja, tentar tratar as pessoas da mesma maneira,

tropismo racial (teorias sobre a origem multirregional do homem, a importância do homem de Neandertal etc.).

⁵⁰ Diferentemente das teorias baseadas no status administrativo (cidadãos, imigrantes, refugiados) ou no lugar no modo de produção capitalista (classe social).

independentemente da cor da pele) exigiria uma abordagem *individual* (ou seja, um esforço da parte de cada um) ou uma abordagem pedagógica que lembra muito o antirracismo moral e assimilacionista da década de 1980... Aqueles que afirmam seguir essa estratégia são, portanto, denunciados pelos radicais como idiotas úteis ou cúmplices do racismo.

Pelo contrário, e paradoxalmente, a tese que parece dominar uma série de discursos é a de uma afirmação dessa categorização/atribuição imposta pelo sistema. Para expor o processo de "*racismo*", o objetivo é reapropriar-se da "raça como uma construção social", para transformar um estigma infame em uma arma contra o racismo e seu mundo - pode ser a cor da pele, a "origem" ou a suposta afiliação religiosa (o acréscimo da religião de fato leva a uma análise étnica). Isso pode ser acompanhado por um discurso que destaca uma comunidade que, de símbolo/lugar de opressão, passa a ser um foco de ajuda mútua e resistência e, portanto, de luta, e deve necessariamente ser fortalecida. Às vezes, há também um desejo de destacar categorias ou grupos que foram desvalorizados pelo Estado; por exemplo, um foco na "*raça negra*" que lembra certos aspectos do nacionalismo negro americano na década de 1960. A partir do desejo de revelar processos sociais, é fácil entender por que alguns simplesmente chegaram a uma leitura étnica da sociedade⁵¹. É agora "na esquerda" que nos deparamos com a ideia de valorizar a "*diversidade racial e de identidade*", cujas "*oportunidades são [...] subexploradas*"⁵². Deixamos a todos a tarefa de imaginar como seriam as traduções práticas dessas ideias em termos de comunidades étnicas e culturais mistas⁵³.

Enquanto para a Nova Direita, a comunidade finalmente substituiu a raça, parte da extrema esquerda (antiga ou nova) corre o risco de encontrar etnia e comunidade em sua busca por raça... No entanto, hoje, a comunidade não é mais do que uma solução interclassista e baseada em identidade para a crise; portanto, não é nada revolucionário (e poderia assumir conotações contrarrevolucionárias). Infelizmente, essa corrente não está imune a possíveis excessos; quando estão desesperados com Billancourt, os militantes de extrema esquerda ou libertários às vezes tendem, à custa de alguns

⁵¹ O que, às vezes, pode nos afastar muito da ideia de construção social. Por exemplo, definir o pertencimento de uma pessoa a uma categoria - nesse caso, a de "afrodescendentes" - calculando a porcentagem de seus ancestrais que supostamente nasceram no continente africano. Consulte "Número do mês: 6,25%", *Spasme*, nº 13, verão de 2017, p. 12.

⁵² Jérémy Robine, "La 'race', éternel tabou de cette élection et des précédentes", *Libération*, 4 de maio de 2017. Entre os dois turnos da eleição presidencial de 2017, esse acadêmico explicou que a ascensão da FN se deveu à recusa da esquerda em reconhecer a existência de raças.

⁵³ Talvez os mais caricaturais sejam os folhetos que você começa a ver em algumas ocupações denunciando a "*apropriação cultural*" (por exemplo, o uso de *dreadlocks* ou cortes de cabelo iroqueses por "brancos").

compromissos, a buscar o exotismo ou um proletariado substituto. Mas desde as lutas de libertação nacional das décadas de 1960 e 1970, até as dos povos indígenas na América e em outros lugares (em defesa de suas terras, cultura, tradições, idioma e identidade), passando pelo xiismo iraniano em 1979, até o alterglobalismo dos anos 2000 (contra a macdonaldização e a junk food), fica claro que as questões de identidade e cultura não são fáceis de entender. Tanto mais que as sociedades e comunidades "tradicionais" e "pré-capitalistas", que gozam de certa simpatia (por exemplo, na teoria dos Comuns ou nos escritos de Jean-Claude Michéa), tornam-se "anticapitalistas" para o ativista apressado que as idealiza (do índio das planícies ao mapuche e ao muçulmano), quando um pouco de moderação às vezes seria útil⁵⁴. Certas características que são embaraçosas para um ativista de esquerda - o culto à natureza, a religião, questões de poder, hierarquia, desigualdade, relações entre homens e mulheres, etc. - são evacuadas no interesse da luta prioritária. - Os ativistas de esquerda - o culto à natureza, a religião, as questões de poder, a hierarquia, a desigualdade, as relações entre os homens e as mulheres etc. - são descartados em nome da luta prioritária (contra o Estado, o exército ou uma multinacional) ou em nome de uma crítica ao eurocentrismo e ao universalismo. A vantagem que os neodireitistas e seus emuladores têm nessa área é que eles não tentam esconder essas características "estranhas", mas, ao contrário, as veem como a força dessas sociedades.

Nicolas Lebourg e Jean-Yves Camus atribuem à Nova Direita o mérito de trazer para o debate intelectual ideias que ela ajudou a disseminar e popularizar, em particular "*a reabilitação, em face do modelo republicano jacobino, de comunidades, sejam elas religiosas, étnicas ou no sentido de 'subculturas' e redes, conforme estudado por Michel Maffesoli*"⁵⁵. Devemos permanecer comedidos quanto ao impacto político que a Nova Direita pode ter tido no debate público e nas correntes de direita e de extrema direita, e abandonar a ideia de sua suposta vitória ideológica (especialmente porque sua estratégia metapolítica entrou em colapso em meados da década de 1980)⁵⁶. O interesse da Nova Direita pela eugenia na década de 1970, por exemplo, não explica o triunfo previsto da

⁵⁴ Sobre os índios das planícies, ver, por exemplo, Pekka J. Hämäläinen, *L'Empire comanche*, Anacharsis, 2012, 736 p. Sobre militantes e muçulmanos, consulte Nedjib Sidi Moussa, *La Fabrique du Musulman*, Libertalia, 2017, 160 p.

⁵⁵ Jean-Yves Camus, Nicolas Lebourg, *op. cit.*, p. 176-177. Michel Maffesoli é um colaborador regular das publicações da Nouvelle droite.

⁵⁶ Na questão da identidade, a contribuição da Nova Direita parece pequena em comparação com os divulgadores da mídia de outros horizontes, como Alain Finkielkraut, Eric Zemmour ou Patrick Buisson.

eugenia⁵⁷, os intelectuais e teóricos são mais um reflexo de um período do que um modelo para ele.

O que é certo é que a Nova Direita não tem influência, nem mesmo indireta, em uma extrema esquerda protegida pelo cordão sanitário político e cultural do antifascismo (qualquer referência é, portanto, impossível). Mas os neodireitistas teorizaram tanto sobre raça, muitas vezes de forma contraditória, que não é impossível que o que um teórico do Paris VIII esteja escrevendo hoje já tenha sido praticamente escrito por um teórico "fascista" há trinta ou quarenta anos. De fato, em contextos políticos distintos, caminhos muito diferentes acabam se cruzando e conduzindo a pontos que evocam uma proximidade preocupante, em propostas práticas que, em última análise, às vezes se enquadram na categoria de etnodiferencialismo. Essa proximidade com as posições da Nova Direita, no fim das contas, não é suficiente para desqualificar toda a linha de raciocínio; ela apenas atesta a confusão política e teórica que reina nesse período profundamente contrarrevolucionário. Diante disso, o mínimo que podemos fazer é nos perguntar sobre a validade dessas novas ferramentas teóricas e sua utilidade: o que *mais* elas podem nos oferecer *hoje* para entender esse mundo, ou mesmo para nos ajudar a derrubá-lo? Será que é por não terem as ferramentas teóricas certas que os ativistas parecem tão impotentes diante do capital?

Por si só, não é surpreendente que intelectuais altamente produtivos (nesse caso, o GRECE), que há cinquenta anos estão em busca de inovações sociais, possam desenvolver uma visão teórica que, em um determinado momento, parece corresponder à realidade de uma sociedade insalubre e deprimida. A direita radical lida facilmente com os conceitos de "raça", comunidade e identidade; a esquerda e a teoria radical, em sua exaltação ou desordem, naturalmente têm muito mais dificuldade. Essa é a natureza do período - mesmo que a confusão teórica não seja novidade, quer pensemos no final do século XIX ou no período entre guerras. Os abismos teóricos e as perambulações são, acima de tudo, um sinal de decomposição, fragmentação e atomização, assim como as lutas com as quais eles estão cada vez menos conectados. A fraqueza dessas últimas no Ocidente não deve, entretanto, nos desviar do caminho e nos fazer sucumbir às sereias do eurocentrismo. Em todo o mundo, o proletariado é de fato uma classe

⁵⁷ A história das ideias políticas às vezes é surpreendente. Na década de 1970, o interesse da Nova Direita pela eugenia fez com que ela fosse rotulada como neonazista; hoje, embora esse seja um tema menos central para a Nova Direita, a eugenia é cada vez mais aceita e praticada em todo o mundo. Por outro lado, José Bové, que representou o *nec plus ultra* da crítica social quando saqueou o laboratório do CIRAD em 1999, agora é considerado um velho reacionário porque, seguindo a mesma lógica, ele se opõe ao MAP e ao GPA.

turbulenta em permanente expansão que, além das diferenças de cor da pele, cultura, religião ou nacionalidade, está sujeita cada vez mais intensamente à mesma lógica, a do capitalismo. Além dessa diversidade, e quaisquer que sejam as regiões do mundo, certos conceitos ainda são particularmente adequados para compreender esse processo e sua evolução, por exemplo, os de exploração, classe⁵⁸ e luta de classes...

Tristan Leoni, março de 2018

Bibliografia

Nicolas Lebourg, *Le monde vu de la plus extrême droite. Du fascisme au nationalisme-révolutionnaire*, Presses universitaires de Perpignan, 2012, 264 p.

Jean-Yves Camus, Nicolas Lebourg, *Les Droites extrêmes en Europe*, Paris, Seuil, 2015, 320 p.

Pierre-André Taguieff, *Sur la Nouvelle droite*, Descartes & Cie, 1994, 430 p.

Anne-Marie Duranton-Crabol, *Visages de la Nouvelle droite. Le GRECE et son histoire*, Presses de la Fondation nationale des sciences politiques, 1988, 270 p.

Stéphane François, *Les paganismes de la Nouvelle droite (1980-2004)*, Université du Droit et de la Santé - Lille II, 2005, 482 p.

⁵⁸ Alguns grupos de extrema direita, especialmente aqueles influenciados pela Nova Direita, estão agora colorindo seu discurso com a luta de classes, mas - significativamente - são eles que estão lutando. Tudo o que eles podem fazer é usar um pouco de vocabulário para dar um ar marxiano à sua crítica ao capitalismo, que, no fim das contas, é tão superficial quanto a da extrema esquerda (crítica aos excessos, aos banqueiros gananciosos, aos patrões malvados etc.).